
A Ditadura Civil-militar não Verbalizada em *O Ano em que meus Pais Saíram de Férias*¹

Gisele Gutstein Guttschow²
Juliana de Souza³

Instituto Federal Catarinense - *Campus* Araquari e Universidade Tuiuti do Paraná

RESUMO:

Este artigo analisa o filme *O ano em que meus pais saíram de férias*, de modo a retratar algumas facetas do período civil-militar no Brasil, enfatizando a abordagem visual da obra, visto que a repressão está presente durante todo o filme, ainda que não seja verbalizada. A história é apresentada sob o olhar do protagonista Mauro, de 12 anos e, por ser uma visão infantil, a película está repleta de imagens icônicas que exibem a coibição através de analogias. Por esta razão, a estética ganha destaque ao dar sentido a estas imagens, em especial, à frequente presença de grades que podem remeter, neste momento político, à ideia de prisão, supressão de liberdade e tortura. A produção também traz ao debate a Copa do Mundo de Futebol de 1970, exibindo o evento esportivo enquanto elemento pacificador e de enaltecimento do espírito patriótico do povo brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: ditadura civil-militar; estética; repressão; analogias; visão infantil.

Introdução

O ano de 2018 marca os 54 anos de instauração da ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985), além de ser o ano de realização da vigésima primeira Copa do Mundo FIFA⁴. Desta forma, trazemos ao debate o filme nacional *O ano em que meus pais saíram de férias* (Cao Hamburger, 2006), que retrata tanto o opressivo momento político, quanto a amenização causada pelo evento futebolístico.

¹ Trabalho apresentado na DT 4 – Comunicação Audiovisual, do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense - *Campus* Araquari e doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná, e-mail: gisele.guttschow@ifc.edu.br.

³ Técnica em Assuntos Educacionais no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense - *Campus* Araquari e doutoranda em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná, e-mail: juli_fdr@hotmail.com.

⁴ Torneio internacional de futebol masculino, organizado pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), que no ano de 2018 ocorrerá na Rússia.

Neste artigo enfatizaremos a abordagem estética do filme, tendo em vista a maneira como a repressão do período civil-militar se faz presente em toda a obra, ainda que não seja verbalizada. Faremos uso aqui, inclusive no título, do termo período civil-militar ou ditadura civil-militar para nos referirmos aos vinte e um anos que o Brasil teve no poder os presidentes militares. Estudiosos desse momento da história do Brasil advertem que a expressão Ditadura Militar sinaliza uma definição simplista do período, não totalizando todos os envolvidos que participaram ativamente ou não deste contexto. Ou seja, a expressão Ditadura Civil-Militar não diminui a participação e ação dos militares, contudo, não os coloca como únicos responsáveis pela manutenção e organização do regime. Insere, neste panorama, a participação ativa ou não, omissão ou apoio dos civis às ações do regime civil-militar (GONÇALVES e RANZI, 2012).

A produção do filme *O ano em que meus pais saíram de férias* retrata um período da vida de Mauro (Michel Joelsas), um garoto de 12 anos cujos pais, perseguidos pela ditadura civil-militar, foram obrigados a fugir, deixando-o com o avô paterno, que falece no dia de sua chegada. Sozinho, Mauro é criado por Shlomo (Germano Haiut), o vizinho judeu de seu avô, contando, também, com o auxílio dos demais residentes do prédio. Em meio às emoções da Copa do Mundo de 1970 e à descoberta de novos amigos, Mauro espera ansiosamente a volta de seus pais que "saíram de férias".

Como mencionado, o filme se passa no ano de 1970, no bairro Bom Retiro, em São Paulo, e também aborda o conflito de sentimentos do povo brasileiro: a mistura entre patriotismo, em virtude do evento desportivo, e revolta, em função da opressão imposta pelo governo civil-militar, pois o período foi regado por forte autoritarismo, violência e repressão, de forma a montar mecanismos para controle e manutenção do regime civil-militar.

Embora temas relacionados à ditadura já tenham sido amplamente explorados por áreas como a História, História da Educação, Sociologia, entre outras, como também por diversos meios de comunicação, a produção de *Hamburger* se diferencia por apresentar uma visão infantil sobre a questão, visto que a história é mostrada sob a perspectiva de Mauro, o que nos permite perceber especificidades do período pouco exploradas até então. Por esta razão, a coibição raramente é anunciada, mas seus efeitos podem ser percebidos através de imagens simbólicas, de modo a estabelecer um processo de identificação naqueles que possuem conhecimento prévio acerca do assunto. Este fato nos leva a refletir, também, que o filme sinaliza a vivência de personagens que presenciaram

o período da ditadura civil-militar no Brasil, mas não perceberam, na prática, sua repressão e autoritarismo, reforçando o apoio, adesão e/ou omissão de grande parte dos brasileiros aos pressupostos do governo civil-militar.

Em virtude do ponto de vista infantil, o exame estético ganha destaque, ressaltando-se a importância da estrutura narrativa para a apresentação desta história. Como bem orientam Aumont e Marie, "E sobretudo é preciso aqui reafirmar claramente que, no cinema, como em todas as produções de significado, não existe conteúdo que seja independente da forma na qual é exprimido" (AUMONT; MARIE, 2011, p. 119). Ou, como reforça o próprio Aumont: "A narrativa é definida muito estritamente pela narratologia recente como conjunto organizado de significantes, cujos significados constituem uma história" (AUMONT, 2012, p. 255).

Apesar do clima mais tenso adquirido pela exploração do tema político, há, também, momentos leves e até mesmo cômicos, frequentemente relacionados ao choque de gerações e costumes entre Mauro e Shlomo, além daqueles relacionados à passagem do protagonista à adolescência: a descoberta do amor (com Hanna) e da sexualidade (ao espiar Irene no provador da loja).

Repressão Simbolizada

Como mencionado, as referências à ditadura civil-militar são feitas de forma indireta, através de analogias, dada a ingenuidade do narrador da história que não compreende o contexto no qual está inserido. São raras as situações em que a repressão é exposta diretamente ao longo da película. A analogia é aqui compreendida de acordo com a definição de Aumont:

As imagens analógicas, portanto, foram sempre construções que misturavam em proporções variáveis imitação da semelhança natural e produção de signos comunicáveis socialmente. (...) a analogia nunca está ausente da imagem representativa (AUMONT, 2012, p. 212).

Ainda que em sentido metafórico, tais associações podem ser percebidas⁵ durante toda a trama, principalmente em sua composição estética. Em *O ano em que meus pais saíram de férias*, uma das possíveis leituras para a obra é a que o regime civil-militar se

⁵ Percebidas por aqueles que possuem conhecimento prévio sobre o acontecimento político.

faz visível, sobretudo, pela presença frequente de grades na estruturação das cenas, remetendo-se à ideia de prisão, supressão da liberdade e, em muitas circunstâncias, tortura.

Há grades - ou elementos que simbolizam grades - em praticamente todos os espaços: nas janelas (figuras 01 e 02), no elevador (figura 03), no provador da loja (figura 04), no portão (figura 05), na divisão entre os ambientes (figura 06), na cerca do campo de futebol (figura 07) e na rede da trave (figura 08). De maneira geral, esses elementos foram utilizados de modo a causar interferência na imagem, salientando a coibição do referido período:

FIGURAS 01, 02, 03, 04, 05, 06, 07 E 08 - *FRAMES DO FILME O ANO EM QUE MEUS PAIS SAÍRAM DE FÉRIAS*





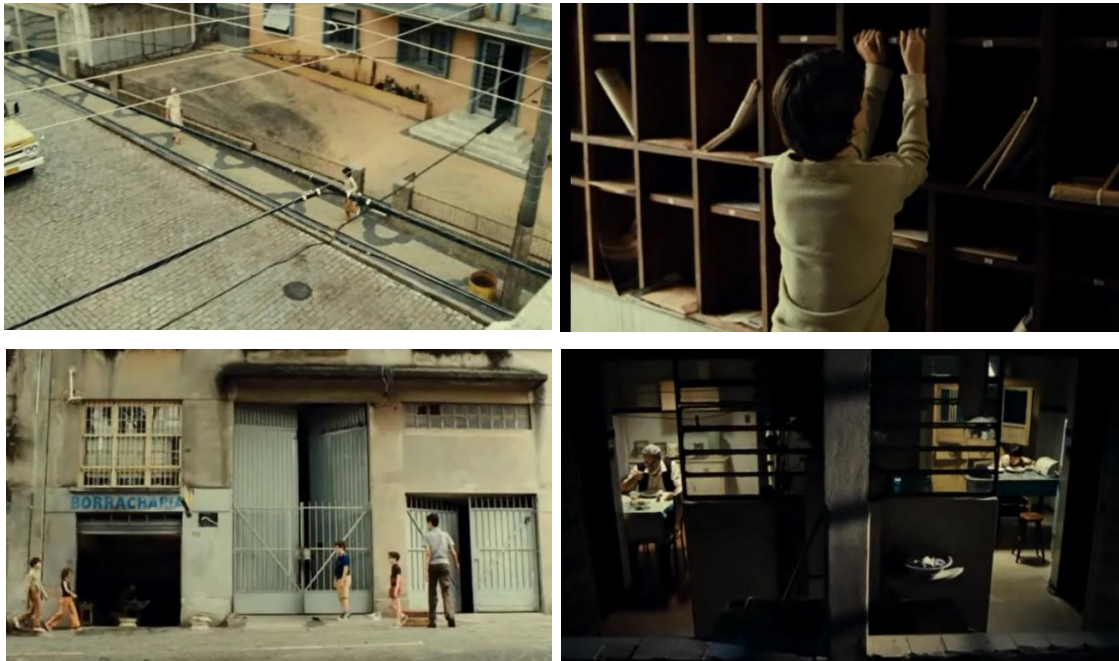
FONTE: DVD *O ano em que meus pais saíram de férias*

O enquadramento escolhido nas cenas não deixa escolha ao espectador: é difícil não notar a existência das grades. Estas imagens apontam uma característica constantemente utilizada pelos agentes do período civil-militar, de modo a remeter a uma trajetória histórico-política. Afinal, o processo de montagem de um filme é, também, um processo semântico representativo de um momento histórico, ou, “a imagem representativa portanto costuma ser uma imagem narrativa” (AUMONT, 2012, p. 254).

Embora as grades não possuam um sentido fixo em si mesmas, passam a adquiri-lo ao fazer parte do sistema de símbolos e convenções em vigor em uma sociedade. Assim, ao compor o espaço diegético de uma película que transcorre durante o período civil-militar brasileiro, as grades - situadas no tempo e espaço – podem veicular, de forma simbólica, um saber sobre o real. Ou seja, as grades simbolizam as ações repressoras do regime.

Apesar da visibilidade conferida às grades, em algumas cenas a aparição deste elemento é menos evidente, quase despreziosa, de modo a requerer maior atenção do público, pois compõem o cenário sem causar grande interferência. Como exemplo, pode-se mencionar as grades que se formam pelos fios de luz (figura 09) e também pelas divisórias das caixas de correspondências (figura 10), e na própria arquitetura da cidade (figuras 11 e 12):

FIGURAS 09, 10, 11 E 12 - *FRAMES DO FILME O ANO EM QUE MEUS PAIS SAÍRAM DE FÉRIAS*



FONTE: DVD *O ano em que meus pais saíram de férias*

Retomando a questão dos enquadramentos, em diversos momentos é possível observar que os personagens são filmados por trás de outros elementos do cenário, de maneira entrecortada, ou seja, a câmera opera de forma oculta, provável referência à censura aos meios de comunicação ocorrida durante o referido regime político (figuras 13, 14, 15 e 16):

FIGURAS 13, 14, 15 E 16 - *FRAMES DO FILME O ANO EM QUE MEUS PAIS SAÍRAM DE FÉRIAS*





FONTE: DVD *O ano em que meus pais saíram de férias*

Ainda que a ditadura civil-militar não tenha agredido de forma direta a população nacional em sua totalidade, todos foram atingidos por seus efeitos, como, por exemplo, as restrições às liberdades civis. No filme, Mauro representa um atuante desta falsa liberdade. O apartamento do avô transforma-se em sua prisão, tornando-o refém do telefone, à espera do contato de seus pais (figura 17):

FIGURA 17 - *FRAME DO FILME O ANO EM QUE MEUS PAIS SAÍRAM DE FÉRIAS*



FONTE: DVD *O ano em que meus pais saíram de férias*

Seu confinamento se torna mais evidente durante os jogos da Copa do Mundo. Embora tenha a opção de sair para assistir aos jogos juntos com os colegas, na maioria das vezes Mauro obriga-se a permanecer dentro do apartamento, aguardando a chegada dos pais, em sua espera sem fim. Novamente a presença das grades enfatiza o caráter prisional das cenas (figuras 18, 19, 20 e 21):

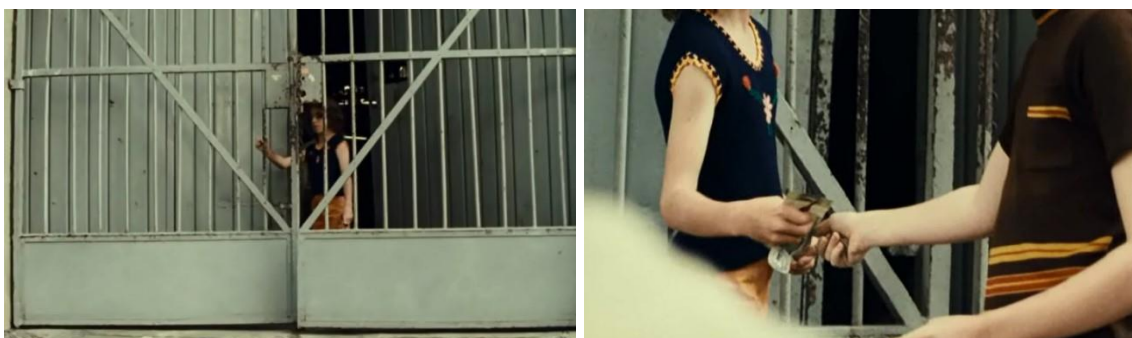
FIGURAS 18, 19, 20 E 21 - *FRAMES DO FILME O ANO EM QUE MEUS PAIS SAÍRAM DE FÉRIAS*



FONTE: DVD *O ano em que meus pais saíram de férias*

A respeito da personagem Hanna (Daniela Piepszyk), ela também contribui para a sensação de aprisionamento oferecida pela obra, embora de maneira mais jocosa. Em diversos momentos a personagem age de modo a simbolizar uma carcereira: ela detém o molho de chaves; controla a entrada e saída dos garotos (figura 22); recebe "suborno" em troca de favores/facilidades que eles necessitam (figura 23):

FIGURAS 22 E 23 - *FRAMES DO FILME O ANO EM QUE MEUS PAIS SAÍRAM DE FÉRIAS*



FONTE: DVD *O ano em que meus pais saíram de férias*

Ainda inerente à ideia de prisão, cumpre citar o desejo profissional de Mauro: ser goleiro. Assim como os presidiários (privados do convívio com o ambiente de origem) e os goleiros (diferente dos demais jogadores), Mauro também é um solitário. A cena de chegada ao lar do avô já exhibe o garoto como um goleiro, de modo a sinalizar seu destino: visto de longe, sozinho, bola na mão (figura 24):

FIGURA 24 - FRAME DO FILME *O ANO EM QUE MEUS PAIS SAÍRAM DE FÉRIAS*



FONTE: DVD *O ano em que meus pais saíram de férias*

Em meio a essa relação ditadura civil-militar X Copa do Mundo de 1970, a produção de Hamburger demonstra a ação do evento futebolístico enquanto elemento pacificador e de enaltecimento do espírito patriótico do povo brasileiro.

Embora a obra traga o personagem Ítalo (Caio Blat) que torce contra a seleção brasileira e, conseqüentemente, contra a situação política do país - demonstrada, especialmente, no primeiro jogo do Brasil -, todos logo se rendem às alegrias da vitória brasileira no esporte mais difundido da nação. Além disso, Ítalo representa os ativistas políticos contrários ao regime discutido neste artigo. Essa mistura de repressão e patriotismo é muito bem representada pela bandeira do Brasil estendida junto às "grades" da janela (figura 25). Ao mesmo tempo, a alegria é cercada de elementos coibidores.

FIGURA 25 - *FRAME DO FILME O ANO EM QUE MEUS PAIS SAÍRAM DE FÉRIAS*



FONTE: DVD *O ano em que meus pais saíram de férias*

Por fim, é importante apontar algumas cenas de repressão ou formas de protesto que se mostram de forma menos simbólica: 1- as pichações de "abaixo a ditadura" e "liberdade" (figuras 26 e 27), que apesar de visíveis seguem a mesma linha da não verbalização; 2 – a casa de Mauro que, após a saída da família, foi visivelmente invadida por militares (figuras 28 e 29); 3 - os acontecimentos finais em que as agressões são apresentadas de modo mais perceptível, mas, ainda assim, são cenas rápidas e por vezes entrecortadas (figuras 30 e 31); e 4 - a conversa entre Ítalo e Mauro, após o protagonista ter encontrado o "amigo de seu pai" ferido e ajudá-lo a se esconder da polícia (figura 32):

FIGURAS 26, 27, 28, 29, 30, 31 E 32 - *FRAMES DO FILME O ANO EM QUE MEUS PAIS SAÍRAM DE FÉRIAS*





FONTE: DVD *O ano em que meus pais saíram de férias*

Embora os instantes finais não utilizem as analogias, elas compõem toda a construção diegética, de modo a requerer um receptor capaz de assimilar os códigos e simbolismos implícitos nas imagens:

Exatamente como na sua percepção corrente, a atividade do espectador diante da imagem consiste em utilizar todas as capacidades do sistema visual (em especial suas capacidades de organização da realidade) e em confrontá-las com os dados icônicos precedentemente encontrados e armazenados na memória sob forma esquemática (AUMONT, 2012, p. 89).

Afinal, os espectadores não são receptores passivos, mas sim, sujeitos participativos, capazes de uma compreensão responsiva ativa:

Em resumo, o papel do espectador segundo Gombrich é um papel extremamente ativo: construção visual do "reconhecimento", emprego dos esquemas de "rememoração", junção de um com a outra para a construção de uma visão coerente do conjunto da imagem (AUMONT, 2012, p. 91).

Essa "construção de uma visão coerente do conjunto da imagem" é essencial para inferir o cuidado de detalhes e a competência empregados no desenvolvimento desta obra.

A Ditadura sob a Ótica Infantil:

Já na cena inicial do filme ouve-se a voz de Mauro – em *off* – assumindo o papel de narrador: "Meu pai disse que no futebol todo mundo pode falhar, menos o goleiro. Eles são jogadores diferentes, e que passam a vida ali, sozinhos, esperando o pior" (O ANO..., 2006, 01min.). Tal recurso é aplicado em diversos momentos da trama, confirmando a visão do personagem sobre a história.

É essa perspectiva inocente sobre um tema carregado de restrições políticas, sociais e culturais que permite o emprego de momentos de descontração, em especial, os diálogos entre Mauro e Hanna, outra personagem encantadora, cuja personalidade traz uma mistura de inocência, sarcasmo e autoridade. Por apresentar a ditadura civil-militar de forma simbólica, em alguns momentos a obra abre espaço para a exposição do universo infantil.

Para exemplificar, cabe mencionar duas características da infância que se fazem presentes em diversos momentos do filme: a sinceridade e a espontaneidade. No primeiro café da manhã de Mauro junto a Shlomo, o garoto questiona sem pensar duas vezes: "Não tem leite? Frio?" (O ANO..., 2006, 23min.). Em outro momento, a visão pura e sem preconceitos exibida por Mauro ao demonstrar sua admiração pelo namorado de Irene (Liliana Castro), também contribuiu com esses instantes em que a película assume uma atmosfera menos impregnada das questões que permeiam o regime civil-militar: "E de repente eu descobri o que eu queria ser: eu queria ser negro e voador" (O ANO..., 2006, 1h:07min.).

Entretanto, é importante destacar que tal abertura não faz de *O ano em que meus pais saíram de férias* um filme destinado às crianças. Ainda que exibido pelo ponto de vista de Mauro, a questão principal é a ditadura civil-militar, de modo que seu impacto não pode ser percebido pelos pequenos, assim como também não é compreendido pelo

protagonista. As referências ao regime civil-militar só podem ser apreendidas por aqueles que possuem um mínimo de bagagem acerca deste momento histórico do Brasil, visto que "(...) o significado que um filme em particular tem para um público é determinado por sua relação com o contexto. Lemos um filme pela semelhança dele com outros filmes e pelas associações (conscientes ou não) que fazemos" (EDGAR-HUNT; MARLAND; RAWLE, 2013, p. 70).

Os simbolismos apresentados operam a mediação entre espectadores e fatos já memorizados, assim, as associações normalmente não podem ser realizadas pelo público infantil, cujo conhecimento preliminar não inclui o referido momento político. Nesse sentido, Aumont, apoiado em Gombrich, sustenta que:

(...) esse trabalho de reconhecimento, na própria medida em que se trata de *re-conhecer*, apoia-se na memória ou, mais exatamente, em uma reserva de formas de objetos e de arranjos espaciais memorizados: a constância perceptiva é a comparação incessante que fazemos entre o que vemos e o que já vimos (AUMONT, 2012, p. 82).

Ainda alicerçado nos estudos de Gombrich, Aumont salienta a primordialidade da ação do espectador: "Ao fazer intervir seu saber prévio, o espectador da imagem *supre* portanto o não representado, as lacunas da representação. Essa completção se dá em todos os níveis, do mais elementar ao mais complexo" (AUMONT, 2012, p. 87).

Representações, em geral, são absorvidas por receptores sócio-históricos, que as relacionam com os demais enunciados de seu enquadramento histórico. Assim, imagens com analogias perceptíveis a um espectador podem não fazer sentido a outro:

Todos sabem, por experiência direta, que as imagens, visíveis de modo aparentemente imediato e inato, nem por isso são compreendidas com facilidade, sobretudo se foram produzidas em um contexto afastado do nosso (no espaço ou no tempo, as imagens do passado costumam exigir mais interpretação) (AUMONT, 2012, p. 262).

Embora existam códigos mais globais, comuns a diferentes culturas, algumas linguagens podem ser assimiladas somente em contextos sociais específicos. Desta forma, dificilmente os simbolismos empregados na produção de Hamburger serão compreendidos pelo público infantil e, até mesmo, por alguns do público adulto. Pois, nem todos que vivenciaram este momento da história brasileira ou que dispõem de conhecimento prévio sobre o assunto possuem as mesmas opiniões e considerações sobre

o período civil-militar. Visto que há, até hoje, pessoas que apoiam o retorno deste sistema político presidido por militares, há os que combatem veementemente e, também, aqueles que não se posicionam e até se omitem em relação a este período.

No desfecho da história, novamente em *off*, Mauro atesta sua ingenuidade diante dos acontecimentos:

E assim foi o ano de 1970: o Brasil virou tricampeão mundial! E mesmo sem querer e nem entender direito, eu acabei virando uma coisa chamada exilado. Eu acho que exilado quer dizer: Ter um pai tão atrasado, mas tão atrasado, que nunca mais volta pra casa (O ANO..., 2006, 1h:36min.).

Esta cena final, que mostra Mauro e sua mãe deixando São Paulo, sintetiza de forma muito competente a mistura de comicidade (em virtude do olhar infantil) e tristeza (pelo sentido real por trás das analogias/simbolismos) que permeia o filme. A interpretação inocente do protagonista acerca do destino do pai nos desperta um sorriso leve, porém, incapaz de apagar o verdadeiro drama.

Considerações Finais

Apesar do constante uso da simbologia, *O ano em que meus pais saíram de férias* não é um filme repetitivo, tampouco cansativo. O emprego de estratégias estruturais e estéticas ousadas resultou em uma narrativa híbrida, que permite a alguns espectadores uma imersão no tempo e espaço, de modo a revisitar os anos de repressão sob um novo olhar. Afinal, drama e humor num contexto ditatorial só poderiam irromper numa mesma produção sob o ponto de vista infantil.

Ainda é imprescindível reiterar que as mais de duas décadas de ditadura civil-militar se reportam a um período da história do Brasil que não se pode esquecer. Com as novas reflexões e propostas de abordagem sobre o período, se faz necessário refazer um caminho de volta nos materiais produzidos sobre este momento, com o intuito de suscitar novas discussões, problemáticas e perspectivas nas diversas áreas do conhecimento.

A despeito da força que as imagens adquirem no desenvolvimento da trama, cabe enfatizar que "(...) a imagem é sempre modelada por estruturas profundas, ligadas ao exercício de uma linguagem, assim como à vinculação a uma organização simbólica (a uma cultura, a uma sociedade)" (AUMONT, 2012, p. 134). Em virtude dos vinte e um

anos de opressão sofridos pelo povo brasileiro frente às posições dos agentes civis-militares, as associações narrativas propostas por Hamburger foram primorosas para a representação da época.

Ainda, vale ressaltar a boa interpretação de Michel Joelsas: em diversos momentos Mauro é o único personagem em cena, exibindo competente expressão facial e corporal. Certamente, os anos de experiência de Hamburger na direção de *Castelo Rá-Tim-Bum*⁶ contribuíram na direção do elenco infantil, que traz à tela uma perspectiva infanto-juvenil pouco estudada pelas áreas que discutem o contexto do regime civil-militar. Na grande maioria das vezes, as produções destas áreas enfatizam as pessoas que foram, de alguma maneira, vitimizadas pelo regime e não abordam os coadjuvantes. Desta forma, salientamos que produções como *O ano em que meus pais saíram de férias* trazem a público algumas especificidades que também fazem parte do rol de situações vivenciadas durante este período e que muitas vezes não são exploradas. Essas obras são olhares bastante sensíveis a uma época que não pode ser esquecida na história política e social brasileira.

Referências

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. 16ª Ed. Campinas: Papirus, 2012.

AUMONT, Jacques. MARIE, Michel. **A análise do filme**. Lisboa: Texto & Grafia, 2011.

EDGAR-HUNT, Robert; MARLAND, John; RAWLE, Steve. **A linguagem do cinema**. Porto Alegre: Bookman, 2013.

GONÇALVES, NADIA G.; RANZI, SERLEI M. F.. (Org.). **Educação na ditadura civil-militar: políticas, ideários e práticas (Paraná, 1964-1985)**. Curitiba: Editora UFPR, 2012, v. 1.

Filmografia

O ano em que meus pais saíram de férias. Direção: Cao Hamburger. Brasil. Buena Vista Sonopres, 2006. DVD (104 min).

⁶ Cao Hamburger foi diretor de *Castelo Rá-Tim-Bum*, tanto do programa de televisão quanto do filme. Também dirigiu outras séries voltadas ao público infantil como *Um menino muito maluquinho*, *Disney club*, *Os urbanoides*, entre outras.